

**Biblioteca RTP**  
Clássicos em Banda Desenhada

# Histórias Extraordinárias

**Edgar Allan Poe**



**JAVAL**

**MANUEL PINTO**



**Biblioteca RTP**  
Clássicos em Banda Desenhada

# **Histórias Extraordinárias**

**Edgar Allan Poe**



**Biblioteca RTP**  
Clássicos em Banda Desenhada

**Biblioteca RTP**  
Clássicos em Banda Desenhada

# **Histórias Extraordinárias**

**Edgar Allan Poe**

EDITORIAL  PUBLICA

Tradução de Maria Auta de Barros

Copyright © 1977, 1986 by Pendulum Press, Inc. (United States of America)

Todos os direitos reservados para a publicação desta obra em Portugal pela EDITORIAL PUBLICA, LDA.

Av. Poeta Mistral, 6-B — 1000 Lisboa

Capa: José Antunes

Revisão gráfica: António Marques Francisco

Composto por Textype, Artes Gráficas, Lda.

Impresso por Printer Portuguesa, Indústria Gráfica, Lda.

Edição n.º 528

Acabado de imprimir em Outubro de 1986

Depósito Legal n.º 11 279/86



## O Autor

Edgar Allan Poe nasceu em 1809 em Boston, Massachusetts. Ficou órfão aos dois anos e foi adoptado em 1811 pelo seu tio, John Allan, de Richmond, Virginia. Entrou para a Universidade da Virginia, mas abandonou-a porque bebia e jogava mais do que estudava. Mais tarde foi expulso da Academia Militar de West Point por violar os regulamentos. Quando John Allan morreu em 1834, Poe encontrava-se repudiado e sem dinheiro.

Em 1836, Poe casou com Virginia Clemm, sua prima de 13 anos. A sua vida era dura, uma vez que Poe ganhava pouco com as suas obras. Quando Virginia morreu em 1847, Poe começou a beber e a jogar mais que nunca, o que o levou a viver em constante miséria. No entanto, os seus contos começavam a tornar-se populares até na Europa, onde eram traduzidos para francês por escritores como Baudelaire e Mallarmé.

Ao longo da sua carreira, Poe sofreu longos períodos de doença que quase atingiam a loucura. Isso e o constante beber fizeram-no recair muitas vezes que estava a enlouquecer completamente. O fim chegou em 1849, quando foi encontrado moribundo numa valeta em Baltimore. Edgar Allan Poe foi um dos homens menos compreendidos do seu tempo mas foi também um dos maiores autores americanos de contos.

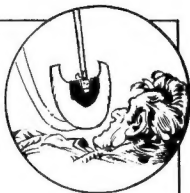
Edgar Allan Poe

# Histórias Extraordinárias

Adaptação  
NAUNERLE FARR

Ilustração  
G. TALOAC  
N. REDONDO  
N. ZAMORA  
E. R. CRUZ

Produção  
VINCENT FAGO



|                                 |       |
|---------------------------------|-------|
| O Poço e o Pêndulo .....        | 7-14  |
| A Queda da Casa Usher .....     | 15-24 |
| O Barril de Amontillado .....   | 25-30 |
| Dois Crimes na Rua Morgue ..... | 31-61 |

# O Poço e o Pêndulo



*Em sonhos de pesadelo,  
vi os lábios dos juízes  
vestidos de negro que  
me condenavam à  
morte. Mas, primeiro,  
iria para a prisão.  
Desmaiei com o medo.*



*Tinha uma recordação, pouco nítida, das figuras altas que me levantaram e me levaram para baixo...*



*Acabei por recuperar os sentidos. Estava deitado, às escuras. Já não tinha as mãos amarradas.*



*Sem abrir os olhos, estiquei o braço. Estava em cima de uma coisa húmida e dura.*

*Tinha medo de abrir os olhos, medo de não ver nada! Tentei, e assim foi! Só havia escuridão.*



*Pus-me de pé e comecei a tatear em todas as direcções. Receava sentir as paredes de um túmulo!*



*Por fim, as minhas mãos tocaram numa parede macia, húmida e fria. Andei à volta, para tentar perceber o tamanho da minha prisão.*

*O chão era escorregadio. Tropecei e caí.*



*Demasiado cansado para me voltar a levantar, fiquei no chão e adormeci.*



*Quando acordei, tinha pão e água a meu lado. Comi e bebi com voracidade. Depois, resolvi continuar a explorar. Ia tentar atravessar a minha prisão.*

*Comecei a andar, primeiro com cuidado, depois mais livremente. De repente, tropecei na bainha rota da minha túnica e caí para a frente.*



*Caí sobre a cara. O queixo estava sobre o chão da prisão, mas dos lábios para cima, não tocava em nada!*



*Estiquei o braço e tremi ao descobrir que caíra à beira de um poço redondo.*



*Uma pedra caiu no poço. Durante segundos, ouvi o seu eco lá longe.*

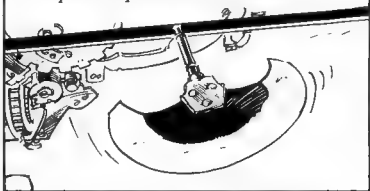
A tremer,  
tentei o  
caminho  
até à  
parede.  
Por fim,  
adormeci  
profunda-  
mente.  
Quando  
acordei,  
tudo tinha  
mudado.



Alguns por cima de mim, havia uma luz e levantei a cabeça para olhar em volta. Nas paredes estavam pintadas figuras assustadoras. O poço redondo estava mesmo no meio da minha prisão.

Por cima de mim, no tecto alto, estava pintada uma figura do velho Pai do Tempo com um pêndulo\* de relógio em vez da foice\*\*.

O pêndulo fazia parte da pintura, como me pareceu primeiro? Ou mexia-se?



Um ligeiro ruído fez-me voltar a cabeça. Ao olhar para o chão, vi muitos ratos que vinham a sair do poço. Estavam à procura da carne que fora deixada ao meu lado.



\* peça redonda de metal que oscila de um lado para o outro para regular o relógio

\*\* instrumento curvo para ceifar ou segar

Quando voltei a olhar para cima, o pêndulo oscilava com mais força e aproximaram-se mais de mim!



Na extremidade, tinha um meio círculo de aço como uma navalha gigante!



Durante horas, talvez dias, horrorizado vi-o baloiçar por cima de mim:

Mais perto...



Mais perto...



E ainda mais perto.



E então, quase tarde de mais, comecei a pensar. Peguei nos restos da carne e passei-os nas cordas que me amarravam. Depois, fiquei à espera.



Os ratos correram às centenas para cima de mim e roeram as cordas.

*Quando a lâmina começava a cortar-me a túnica, as cordas rebentaram. Com cuidado, rolei para o chão e para fora do estrado. Estava livre!*



*Então o pêndulo parou. Fora puxado para o tecto. Mas as paredes de metal começaram a brilhar com o calor!*



*A minha prisão aqueceu imenso e as paredes começaram a fechar-se sobre mim!*



*Fiquei sem fôlego. As paredes ardentes empurraram-me para o poço.*



*Momentos depois, estava à beira do poço. Estava perdido. Soltei um último e longo grito de terror.*

*De repente, ouviu-se o som estridente de muitas trompas. Com um ruído áspero e dissonante, as paredes afastaram-se. Quando ia a cair desmaiado no poço fui agarrado por um braço.*



*Era o braço do General Lasalle. O exército francês tinha entrado em Toledo\*. Os meus inimigos tinham sido derrotados e eu, finalmente, estava livre.*

**FIM**

\* cidade espanhola onde o narrador tinha sido feito prisioneiro

# A Queda da Casa Usher



O narrador



Roderick Usher



Madeline Usher



*Passara um dia escuro de Outono a passear só, a cavalo, pelo campo desolado. Ao anoitecer encontrava-me perto da sombria e velha Casa Usher. Mal a vi, a tristeza apoderou-se de mim.*



*Viera até ali, por causa de uma carta que recebera pouco tempo antes.*



Ah! É do meu velho amigo Roderick Usher, a quem já não vejo há anos!

Sofre de uma grande doença e tem um problema mental. Pede que lhe faça companhia, pois sou o mais velho amigo, para o animar...



Só há uma resposta. Tenho de ir ter com ele já!



*Foi assim que cheguei à Casa Usher*



*Um criado levou-me o cavalo e entrei na arcada do vestibulo.*

*Outro criado  
acompanhou-me,  
em silêncio, por  
muitos  
corredores  
escuros.*



*Nas escadas, encontramos o  
médico da família. Não gostei  
do seu olhar de medo.*



*Então, o criado  
conduziu-me a um quarto  
grande, onde estava o  
seu patrão, que se  
levantou para me  
cumprimentar!*



Roderick!

Ah, meu bom  
amigo! Que  
bom ver-te!

*Olhei com pena para o meu amigo, e para o seu ar transtornado, enquanto me falava da sua doença.*



Os meus sentidos estão muito apurados. Só posso comer comida sem sabor e vestir a roupa mais macia. O cheiro das flores é demasiado doce e a maioria dos sons aterroriza-me!

Acima de tudo, temo... não o perigo... mas a coisa mais pequena que possa perturbar a minha alma! Em breve, perderei a vida e a razão lutando contra o próprio medo!



*Mas muita da sua dor provinha da terrível doença da sua querida irmã, que estava a morrer lentamente.*



Ela tem sido a minha companheira. A sua morte fará de mim o último dos Usher!

A sua doença intrigou os médicos.



Está a ficar só com pele e osso... mal se pode mexer... sofre de apoplexia\*.



\* contracção involuntária e convulsiva dos músculos

*Enquanto ele falava comigo, Lady Madeline passou num canto afastado da sala, sem dar por mim e desapareceu.*



*Seria a última vez que a veria assim, porque nessa noite, a doença forçou-a a ficar de cama.*

*Durante dias, tentei animar o meu amigo.*



*Lemos juntos.*



*Às vezes, ouvia-o a tocar viola.*



*Uma noite, de repente, disse-me que Lady Madeline tinha morrido.*

Quero conservar o seu corpo numa das caves da casa, durante duas semanas. Depois, enterrá-la-ei no cemitério da família. Meu amigo, queres ajudar-me?

Claro, Roderick! Diz o que queres!



*Levámos o corpo para uma das caves, por baixo da adega da casa.*

*As tochas estavam sempre a apagar-se, devido à falta de ar nos corredores.*



*Ao olhar para o seu rosto pela última vez, reparei que quase parecia viva. Eu sabia que pessoas com a sua doença tinham muitas vezes esse aspecto, depois de mortas.*

Éramos gémeos. Sabíamos sempre o que o outro estava a pensar.





*Depois, colocámos a tampa do caixão e fechámo-lo com força.*



*A grande porta de ferro rangeu nas dobradiças quando a fechámos.*

*Os dias de luto transformaram o meu amigo. Vagueava entre os quartos como se estivesse perdido. Fixava o espaço durante horas, como se tentasse ouvir um ruído que não existia.*

*Eu próprio tinha cada vez mais medo do seu terror. Uma noite, levantei-me, vesti-me e comecei a andar de cá para lá, sem conseguir dormir.*



*É este quarto escuro e a tempestade que não me deixam dormir!*

*Ouvi uma pancada leve na porta e Roderick entrou. Estava muito agitado.*



*Vem, senta-te! Leio-te um dos teus livros preferidos e passaremos juntos esta noite terrível!*

*Na história, o herói entrava num quarto. «Estalava e rachava-se de forma que o som da madeira seca ecoava...»*



Ouviste?



Não é nada! É a tempestade!

*De lá debaixo veio um rangido... e depois um som metálico.*

*«... um som terrível e ressonante...»*

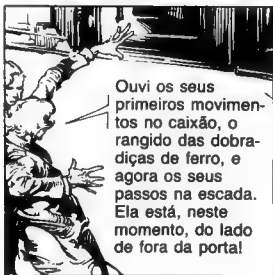


*Porém, de um canto afastado da casa viera um ruído seco e dilacerante.*



Sim, ouço-o!  
Há horas, há dias que o ouço mas não me atrevia a falar!

Enterrámos a minha irmã viva!



Ouvi os seus primeiros movimentos no caixão, o rangido das dobradiças de ferro, e agora os seus passos na escada. Ela está, neste momento, do lado de fora da porta!

*As pesadas portas abriram-se e apareceu a figura de Lady Madeline Usher, com as roupas ensanguentadas.*



*Com um grito baixo, caiu sobre o irmão. Morrendo naquele momento, atirou-o ao chão com todo o seu peso. E ele tomado de terror, morreu a seu lado.*



*Fugi de casa e atravessei a ponte, em direcção à tempestade.*





*De repente, atrás  
de mim brilhou  
uma luz forte.*



*Era uma Lua avermelhada que  
brilhava através de uma fenda  
que se abria na casa.*

*Enquanto observava, as  
paredes dividiram-se em duas.  
E, por fim, o lago aos meus  
pés cobriu o que restava da  
Casa Usher.*



FIM

# O Barril de Amontillado

*Fortunato fizera-me mal muitas vezes. Mas quando me insultou, jurei que me havia de vingar. Matá-lo-ia e saíria impune! Entretanto, deixava-o pensar que era meu amigo.*

Ah, Fortunato!

Montresor, meu caro amigo!

*Uma noite, durante a loucura do carnaval, encontrei-o na rua.*



Montresor



Fortunato

*Acima de tudo, Fortunato considerava-se um bom conhecedor de vinhos. Vingá-lo-ia utilizando um barril de Amontillado\*.*

Que sorte encontrar-te. Comprei uma pipa do que dizem ser Amontillado, mas duvido.

Amontillado? Um barril cheio? E no carnaval? Impossível!

Amontillado!

Eu sei. Devia ter falado contigo primeiro. Mas não te encontrei e não quis perder esta pechinha!

Vou ter com o Luchesi. Ele percebe de vinhos. Dir-me-á...

O Luchesi não distingue o Amontillado de um mau Xerez!

Vem, vamos à tua casa. Eu próprio vou provar esse vinho!

Não, não! Não posso roubar-te tempo.

Estás  
constipado e a  
cave é muito  
húmida.



A constipação  
não é nada!  
Amontillado!  
Vamos!

*Deixei que me arrastasse até  
casa.*



A casa está  
vazia. Os  
criados estão  
a festejar o  
carnaval.

*Pegámos numas  
tochas e, descendo  
uma grande  
escadaria de  
caracol, chegámos  
às catacumbas dos  
Montresor. O meu  
amigo cambaliava  
devido à bebida.*



Cuidado, meu  
amigo! Não  
escorregues.

O Amontillado! Mal  
posso crer!

*Depressa, um ataque de tosse  
fez Fortunato parar.*



Vamos regressar!  
O frio faz-te mal à  
tosse.

Que  
tosse!

A tua saúde é  
importante! És  
rico, respeitado,  
admirado, vais  
adoecer...

A tosse não  
é nada! Não  
morro da  
tosse!



Tirei uma garrafa de uma prateleira, parti-lhe o gargalo e dei-a a Fortunato, que a bebeu com sofreguidão.



Pois é! Um gole deste vinho proteger-nos-á da humidade!

Peguei-me no braço e continuámos a andar, passando sob as baixas arcadas. Por fim, chegámos a uma cave tão profunda e com tão pouco ar, que as nossas tochas quase não ardiam.

Três das paredes estavam cobertas de esqueletos. Os da quarta tinham sido removidos e amontoavam-se no chão.

Vai à frente! O Amontillado está aí!



Ele avançou, mas parou ao pé do muro de pedra. Nele havia dois ganchos, uma corrente e um cadeado. Num segundo, enrolei a corrente à volta da sua cintura e amarrei-o.

Passa a mão pela parede. Está muito húmida. Se não queres voltar, teres de deixar-te aqui!

O Amontillado!



*Escavei entre os ossos e encontrei tijolos, cimento e uma colher de pedreiro. Comecei, então, a fechar a entrada da cave.*



*De lá de dentro veio um gemido e o ruído de correntes. Sentei-me e esperei.*



**Ahhhhhhhh!  
Montresor!  
Montresor!**

*Por fim, o ruído parou. Continuei o meu trabalho. Por fim, só faltava colocar um tijolo. Da cave saíu um riso baixo e uma voz triste.*

**Ha! Ha! Ha!  
Uma boa partida!  
Muito nos vamos  
rir no carnaval,  
na companhia  
do vinho...**



**O Amontillado?**

Ha! Ha! Sim, o Amontillado. Mas não está a fazer-se tarde? Não estarão à nossa espera, Lady Fortunato e os outros? Vamos embora.

Sim, vamos embora.

PELO AMOR DE DEUS, MONTRESOR!

Sim, Fortunato.

Não houve resposta. Coloquei o último tijolo no lugar. Pus-lhe cimento. Empilhei os esqueletos velhos contra a parede nova.

Há meio século que ninguém os perturba.

FIM

# Dois Crimes na Rua Morgue

*Este era o cenário dos crimes que a polícia de Paris tinha de resolver, sem ter pistas. O meu amigo Dupin resolveria o caso, usando apenas o raciocínio.*



O narrador



Dupin



Marinheiro Francês



*Na Primavera de 1800, vivia em Paris e fui um dia a uma livraria à procura de um livro especial.*

Ah, monsieur...  
é muito raro e difícil de  
arranjar. Lamento, mas  
não o tenho!

Este senhor acaba de pedir o  
mesmo livro!

C. Auguste  
Dupin, monsieur,  
ao seu serviço.

Muito prazer  
em conhecê-lo.  
Talvez nos  
devessemos  
unir nesta  
busca.

*Foi assim que eu e Dupin  
nos tornámos amigos.*

*Tínhamos muitos interesses em comum. Fomos morar para um apartamento no Faubourg St. Germain. Foi aí que ouvimos falar pela primeira vez, nos crimes da Rua Morgue.*

Já leste a estranha história da Rua Morgue?

Um crime, não foi?



Foi um crime, sim, mas não do tipo comum.



Imagina isto, se fores capaz! Cerca das três da manhã, os vizinhos foram acordados por gritos terríveis, vindo do 4.º andar de uma casa na Rua Morgue...



Uns gritos horríveis... como se estivessem a matar alguém!

Quem mora ali?



Madame L'Espanaye e a sua filha Camille!

*Como não  
respondessem,  
a porta foi  
arrombada.*

Calma!  
Já chega!

*Os gritos tinham  
parado. Mas  
quando os homens  
subiram o primeiro  
lanço das escadas  
ouviram outro  
sôm.*

Ouçam!

Parecem dois homens a  
discutir!

*Mas os sons  
pararam e tudo  
ficou calmo. Os  
homens correram  
pela casa e  
procuraram em  
todos os quartos.  
Por fim, chegaram  
a um quarto, nas  
traseiras do  
4.º andar.*

Está  
trancada  
por dentro!

Temos de  
arrombá-la.

*O quarto  
estava todo  
desarrumado,  
com a mobília  
partida.*

Que acon-  
teceu?

Não está aqui  
ninguém!

Onde estão as  
senhoras?

Uma  
navalha  
ensan-  
guentada!

Madeixas de  
cabelo  
branco  
humano,  
cobertas de  
sangue!

*Um polícia  
apanhou dois  
sacos do chão.*



Ouro! Pelo menos,  
quatro mil francos  
em ouro!

Um cofre  
aberto!



Só cá estão umas  
cartas antigas.



E Madame  
L'Espanaye  
e a filha! Onde  
estão elas?



Parece ter caído  
muita fuligem na  
lareira...

Achas  
que...  
Oh, não!



Sim... está aqui.  
Um corpo!

*O corpo da filha fora  
empurrado pela chaminé  
estreita. Ainda estava  
bastante quente.*

*Depois de revistarem o  
resto da casa, sem  
encontrarem nada, o  
grupo dirigiu-se para  
um pequeno pátio nas  
traseiras.*



*O corpo foi retirado e  
examinado.*

Tem cortes e  
arranhões  
feitos na  
chaminé.  
Mas parece  
que foi  
estrangulada.



É a senhora  
Madame  
L'Espanaye!

Quem a  
reconheceria agora!



*A senhora fora espancada.  
A garganta fora cortada de tal  
modo que a cabeça quase se  
separara do corpo.*

Não há a mais pequena pista para este crime horrível.



*Estávamos ansiosos pelos jornais do dia seguinte. Embora nada tivesse sido descoberto, havia uma lista das pessoas interrogadas.*

*Havia Pauline Dubourg, uma lavadeira.*

Sim, sou Pauline Dubourg. Há três anos que lavo a roupa das L'Espanaye.



Costumava ir buscar a roupa e trazê-la para lavar em casa.



Como se davam a mãe e filha?

Muito bem! Pareciam sempre muito amáveis uma com a outra.

Viu mais  
alguém lá  
em casa?



Nunca! Não  
havia criados  
e nunca vi  
visitas.



Viviam bem?  
Tinham  
dinheiro?

Pagavam-me bem é tudo o  
que sei! Quanto ao que dizem  
as pessoas, parecia que a  
senhora tinha algumas  
economias. Creio que lia a  
sina para fazer dinheiro.

Muito bem.  
Escreveremos o que  
disse. Terá de vir à  
esquadra assinar.



Adeus,  
monsieur.

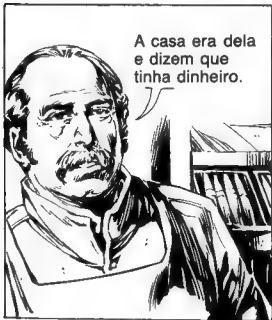


*Pierre Moreau,  
vendedor de  
tabaco, também  
foi interrogado.*

Toda a vida vivi aqui. Há talvez  
quatro anos que Madame  
L'Espanaye me tem comprado  
pequenas porções de tabaco.



A casa era dela  
e dizem que  
tinha dinheiro.



Dizem que a  
senhora lia a  
sina. Mas eu  
não acredito.

Porquê?



Elas levavam uma vida  
pacata. Raramente, vi  
alguém entrar em casa,  
a não ser a senhora e a  
filha. Veio uma pessoa  
uma vez entregar  
encomendas e o médico  
veio visitá-las umas  
dez vezes.

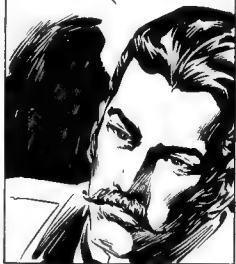
Estou a ver.



Parece que muitos vizinhos disseram o mesmo. Ninguém a visitá-las.



As persianas das janelas da frente quase nunca se abriam. As detrás estavam sempre fechadas, excepto as do quarto grande, do quarto andar.



Isadore Muset, o primeiro polícia a entrar na casa fez este relatório.



Depois de entrar na casa, fui à frente até lá acima. Ao chegar ao primeiro patamar, ouvi duas vozes que discutiam...

Uma era rouca, a outra alta e fina era uma voz muito estranha!



A primeira voz era de um francês. A segunda era de um estrangeiro, não sei se homem ou mulher. Creio que falavam espanhol.

*Henry Duval, um vizinho que entrou na casa concordava com Muset, excepto a respeito das vozes.*



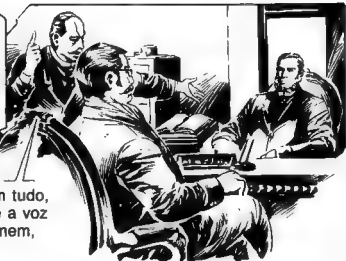
A voz mais alta não sei se era homem ou mulher. Mas creio que falava italiano.

Não seria Madame L'Espanaye ou a filha?



Não, não! Não era francês, nem eram as L'Espanaye! Falei com elas muitas vezes!

*Um holandês que estava de passagem juntara-se à busca. Como não falava francês, foi interrogado em holandês.*



Odenheimer concorda com tudo, excepto as vozes. Diz que a voz mais alta era a de um homem, um francês!

*William Bird, um inglês que vivera dois anos em Paris, também se juntara à busca. Fora um dos primeiros a subir as escadas.*



A voz mais alta fazia muito barulho. Não era um inglês de certeza. Parecia-me ser alemão, mas não percebi se era homem ou mulher.

Bird fala alemão?

Não, nada.



*Alfonzo Garcio,  
um cangalheiro  
espanhol que vivia  
na Rua Morgue,  
também foi  
interrogado.*

Entrei na casa,  
mas não subi  
as escadas.  
Estava  
nervoso!  
Compreende?



Mas ouviu  
as vozes?

Oh, sim, muito  
bem! A voz mais  
alta era de um  
inglês. Tenho a  
certeza!

O senhor fala  
inglês?

Não, não!  
Avaliei  
apenas pelo  
tipo de som.



*Alberto  
Montani,  
vendedor de  
doces, foi  
também um  
dos primei-  
ros a subir.*

A voz alta?  
Era rápida e  
irregular.  
Acho que era  
um russo.

O senhor fala  
russo?



Não, monsieur. Eu sou italiano. Nunca falei com um natural da Rússia!



*Jules Mignaud, banqueiro da firma Mignaud et Fils, também falou com a polícia.*

Acerca de Madame L'Espanaye...



Madame L'Espanaye abriu uma conta há oito anos. Tinha alguns bens.

Não levantou nada, a não ser na véspera da sua morte, quando veio levantar 4000 francos.



A quantia foi paga  
em ouro e um dos  
empregados  
levou-a a casa,  
com o dinheiro.

Posso  
falar com  
ele?



Claro! Mande  
entrar o  
Le Bon!



Sim, sou Adolphe Le Bon.  
Acompanhei Madame  
L'Espanaye, com os dois  
sacos de ouro até a casa.

Entrou na  
casa?



Não, monsieur. A filha veio  
esperar-nos à porta e levou um  
dos sacos, enquanto a senhora  
levava o outro. Despedi-me e saí.



Pense bem.  
Havia mais  
alguém à vista,  
alguém que fosse  
a passar?

Não havia  
ninguém!  
É uma rua  
secundária,  
pouco  
movimentada.

*Paul Dumas, um  
médico, também  
prestou  
declarações.*



Fui chamado ao  
amanhecer para  
ver os corpos.  
O da jovem estava  
muito cortado e  
arranhado. A razão  
para isso foi o ter  
sido empurrado  
pela chaminé.

Tinha golpes  
fundos debaixo do  
queixo e uma série  
de manchas que  
deviam ser as  
marcas dos dedos.



Creio que Mademoiselle  
L'Espanaye foi  
estrangulada.





O corpo da mãe tinha muitos golpes. Os ossos do lado direito estavam quase todos fracturados. O corpo estava todo sem cor.



Um pau pesado, uma barra de ferro, uma cadeira: essas armas nas mãos de um homem forte poderiam ter estes resultados. Nenhuma mulher o faria.

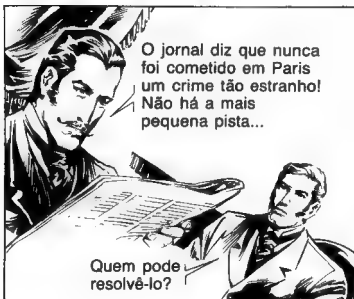


Além disso, a garganta foi cortada com uma coisa afiada, uma navalha de barba, talvez.



Percebo.  
Obrigado, doutor.

O jornal diz que nunca foi cometido em Paris um crime tão estranho! Não há a mais pequena pista...



Quem pode resolvê-lo?

*O jornal da tarde dizia que, embora não houvesse provas, Adolphe Le Bon fora preso.*



Vamos averiguar estes crimes! Le Bon ajudou-me uma vez e estou-lhe agradecido.

Vamos ver a casa com os nossos olhos. Conheço o chefe da polícia e não terei problemas em conseguir uma autorização.



Muito bem.

*Chegámos à Rua Morgue ao fim da tarde. Ainda havia muita gente a olhar para a casa.*



*Atravessámos por um beco e chegámos às traseiras da casa. Dupin olhava em volta, com muito interesse.*



*Voltámos à porta da frente e a polícia deixou-nos entrar. Fomos até ao quarto onde ainda estavam os corpos. Dupin observou tudo, incluindo os corpos.*



*No regresso a casa, parámos nos escritórios do Le Monde, um jornal diário lido por marinheiros e comandantes de navios.*



*Ao chegarmos a casa, Dupin só voltou a falar dos crimes ao meio-dia do dia seguinte.*



A polícia acha este caso difícil de resolver, por ser tão estranho. Será isso mesmo que me permitirá ou já permitiu resolvê-lo!

Estou à espera de uma pessoa que deve saber destes crimes. Vou receber um homem neste quarto a todo o momento.



Se ele vier temos de mantê-lo aqui. Temos estas armas. Ambos sabemos usá-las.

*Sem querer acreditar no que ouvia, peguei na arma e Dupin continuou.*



O relatório fala de duas vozes que discutiam. Qual a parte mais estranha do relatório?

Todos concordaram que um era francês. Mas todos discordaram quanto à segunda voz, a mais alta.

Não só discordaram, como cada um desses homens, todos de países diferentes, pensou que a voz falava uma língua estrangeira!



Não se percebeu uma única palavra! Isso dá-nos uma pista!

Depois o quarto. As portas estavam fechadas por dentro; não havia saídas secretas. Pelas chaminés, não cabia nem um gato. Os assassinos devem ter saído pelas janelas!



Mas a polícia encontrou-as trancadas por dentro!

Descobriram que não podiam abri-las. Em todas elas havia um prego que prendia o caixilho ao parapeito.



E então?

Tirei o prego e mesmo assim não a consegui abrir. Procurei, e encontrei uma mola que a mantinha fechada.



No caso da janela por trás da cama, o prego fora partido há uns anos. Embora estivesse no seu lugar e parecesse inteiro, já não segurava a janela.



Se alguém fugisse por essa janela, e a deixasse fechar-se atrás de si, a mola escondida trancaria a janela. Mas parecia que era o prego a fazê-lo!



Já resolveste parte disto! Mas como é que o assassino desceu?



Um assassino que fosse bom trepador poderia servir-se da persiana exterior para chegar ao pára-raios, que vai do telhado até ao chão poderia ter descido pelo pára-raios!

Assim temos um assassino de voz estranha e bom trepador, com muita força e bastante estúpido para deixar para trás quatro mil francos em ouro!

É um louco! Alguém que fugiu de um hospital de doentes mentais!



Vê esta madeixa de cabelo, que tirei das mãos de L'Espannaye!

*Tirei o cabelo do subscrito e estudei-o com cuidado.*



Dupin! Este cabelo não é humano!

Eu não disse que era. Agora lê este livro.



*Descrevia o grande orangotango das ilhas das Índias Orientais. O animal era muito grande, forte e ágil. Por fim, compreendi toda a história dos crimes.*



Estou a ver. E a segunda voz, a do francês?

Suponho que seja um marinheiro, dono do animal. Deve saber alguma coisa dos crimes.

Talvez lhe tenha fugido e ele o tenha seguido. Ainda deve andar à solta. Deixei ontem este anúncio no jornal. Creio que o trará cá.



*Era um orangotango grande. O dono que se supõe ser um marinheiro de um barco maltes pode reaver o animal depois de o identificar e pagar alguns custos.*

Nesse momento, ouvimos passos nas escadas.



Prepara a arma, mas não a mostres nem a uses até que eu te diga.



Boa noite.

Entre! Sente-se!  
Suponho que veio por  
causa do orangotango?

Um belo animal,  
invejo-o! Que  
idade tem?

Oh, não. Está  
num estábulo  
aqui perto.

A minha recompensa é  
esta. Vai contar-me o  
que sabe sobre os dois  
crimes da Rua Morgue!

Não faço ideia —  
quatro, cinco anos,  
talvez. Tem-no  
aqui?

Não quero que  
tenha este  
trabalho em vão.  
Estou disposto a  
pagar uma  
recompensa.

Meu amigo, não lhe queremos fazer mal. Eu sei que não matou aquelas mulheres. Mas um inocente está preso. É acusado do crime do qual você conhece o assassino!



Vou contar tudo o que sei. Eu não cometi esse crime!



Contou-nos que trouxera o animal numa viagem recente. Mantivera-o na sua casa em Paris até estar curado de uma ferida numa pata. Depois pensava vendê-lo. Estava fechado numa jaula, dentro de uma despensa aberta.

Uma noite, ao chegar tarde a casa, encontrou o animal no seu quarto. Estava a imitar o dono a fazer a barba!



Aterrorizado por ver o animal com uma navalha na mão, o marinheiro pegou num chicote que costumava usar para o dominar.

*Mas ao ver o chicote, o animal saiu pela porta do quarto, desceu as escadas e saltou por uma janela aberta para a rua.*



*Ainda com a navalha na mão, o macaco fez o marinheiro segui-lo por várias ruas. Por fim ao ver uma janela com luz, correu para um pátio da Rua Morgue.*

*Ao ver o pára-raios, trepou por ele.*



*Chegado ao quarto andar, agarrou-se a uma persiana e entrou pela janela.*



O marinheiro  
trepou pelo pára-  
-raios com  
facilidade, mas  
enquanto o fazia,  
ouviu uns gritos  
horríveis vindos do  
quarto. Não  
conseguiu chegar à  
janela, mas  
conseguiu ver lá  
para dentro.



Revoltado com  
os gritos, o  
macaco passou a  
navalha pela  
garganta da  
senhora.



Depois, mais  
agitado ainda pela  
presença de  
sangue, agarrou na  
filha, que tinha  
desmaiado e  
sufocou-a.



Nessa altura, ao ouvir os gritos do dono e ao ver a sua cara através da janela, a raiva do macaco transformou-se em medo. Começou a correr pelo quarto, deitando coisas ao chão e partindo a mobília.

Como que para esconder o que fizera, empurrou o corpo da filha pela chaminé acima. Depois, atirou o corpo da senhora pela janela.



O marinheiro escorregou depressa pelo pára-raios.



Aterrorizado com o que vira, correu para casa e deixou o orangotango entregue ao seu destino. O macaco deve ter saído do quarto antes de arrombarem a porta.



*No dia seguinte, soubemos que o orangotango fora apanhado. O dono então vendeu-o por uma boa quantia.*



*Quando contamos a história ao chefe da polícia, Le Bon foi logo libertado.*

Está livre, Monsieur Le Bon.

Muito obrigado, Monsieur Dupin!

Não foi nada.

*O chefe fez algumas observações sobre o não se meter o nariz onde não se é chamado, mas Dupin não disse nada.*

Deixa-o falar. Vai sentir-se melhor. Ainda bem que resolvi o caso antes dele!

FIM

## PERGUNTAS

1. Em «O Poço e o Pêndulo», não nos dizem porque é que a personagem central é atirada para a prisão. Pelos castigos que ele teve de sofrer, podes dizer-nos alguma coisa sobre os que o atiraram para lá?
2. Em «A Queda da Casa Usher», porque é que o narrador foi chamado a casa do seu amigo? Que ficou a saber sobre o irmão e a irmã quando chegou?
3. Quando Madeline parecia morta, que duas coisas fizeram Roderick Usher recear que a irmã ainda estivesse viva?
4. Porque achas que a casa caiu, depois de Roderick e Madeline morrerem?
5. Em «O Barril de Amontillado», como é que Montresor levou Fortunato até à cave que ficava por baixo da sua casa? Como é que Montresor o forçou a continuar, apesar de Fortunato ter tosse e ser difícil respirar?
6. Porque queria Montresor matar Fortunato? Como o fez? Achas que ele foi apanhado?
7. Qual foi a única pista que Dupin usou em «Dois Crimes na Rua Morgue» para determinar a identidade do assassino?
8. Qual foi o objectivo de pôr um anúncio num jornal de marinheiros?

## PALAVRAS A APRENDER

túmulo  
pêndulo

apoplexia  
foice

catacumba  
pipa

# Biblioteca RTP

Clássicos em Banda Desenhada

*Os maiores escritores de sempre,  
ilustrados pelos melhores artistas modernos!*

*volumes publicados:*

Alexandre Dumas OS TRÊS MOSQUETEIROS

Lewis Wallace BEN HUR

Alexandre Dumas O MÁSCARA DE FERRO

Anna Sewell O CAVALO PRETO

H. G. Wells A GUERRA DOS MUNDOS

Rudyard Kipling LOBOS DO MAR

Sir Walter Scott IVANHOE

Júlio Verne A VOLTA AO MUNDO EM 80 DIAS

Mark Twain AS AVENTURAS DE TOM SAWYER

H. G. Wells O HOMEM INVISÍVEL

Sir Arthur Conan Doyle O CÃO DOS BASKERVILLES

Robert Louis Stevenson A ILHA DO TESOURO

Anthony Hope O PRISIONEIRO DE ZENDEJA

Júlio Verne 20 000 LÉGUAS SUBMARINAS

Daniel Defoe ROBINSON CRUSOE

Herman Melville MOBY DICK

Charles Dickens OLIVER TWIST

Sir Arthur Conan Doyle SHERLOCK HOLMES

Joseph Conrad LORDE JIM

Stephen Crane SOB A BANDEIRA DA CORAGEM

Jonathan Swift AS VIAGENS DE GULLIVER

Jack London CANINOS BRANCOS

Baronesa Orczy O PIMPINELA ESCARLATE

William Bligh A REVOLTA NA BOUNTY

James Fenimore Cooper O ÚLTIMO MOICANO

Mark Twain O PRÍNCIPE E O POBRE

Júlio Verne VIAGEM AO CENTRO DA TERRA

Edgar Allan Poe HISTÓRIAS EXTRAORDINÁRIAS